

Custo da cesta básica aumenta em 11 capitais

Em janeiro de 2020, o custo do conjunto de alimentos essenciais subiu em 11 capitais e caiu em seis, de acordo com a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada mensalmente pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) em 17 cidades. As altas mais expressivas ocorreram em Aracaju (4,75%), Salvador (4,43%), João Pessoa (3,87%) e Belo Horizonte (2,57%), enquanto as principais quedas foram observadas no Sul e Sudeste: Florianópolis (-4,41%), Rio de Janeiro (-1,89%), Curitiba (-1,43%) e Vitória (-1,41%).

A capital com a cesta mais cara foi São Paulo (R\$ 517,51), seguida pelo Rio de Janeiro (R\$ 507,13) e por Porto Alegre (R\$ 502,98). Os menores valores médios foram observados em Aracaju (R\$ 368,69) e Salvador (R\$ 376,49).

Em 12 meses, entre janeiro de 2019 e o mesmo mês de 2020, todas as cidades acumularam alta. Merecem destaque as elevações registradas em Vitória (16,03%), Goiânia (14,28%), Porto Alegre (13,89%) e Recife (13,50%).

Com base na cesta mais cara, que, em janeiro, foi a de São Paulo, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em janeiro de 2020, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria equivaler a **R\$ 4.347,61**, ou 4,18 vezes o mínimo já reajustado de R\$ 1.039,00. Em 2019, o salário mínimo era de R\$ 998,00 e o piso mínimo necessário, em janeiro, correspondeu a R\$ 3.928,73 (ou 3,94 vezes o mínimo que vigorava naquele período) e, em dezembro, a R\$ 4.342,57 (ou 4,35 vezes o piso vigente).

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos
Custo e variação da cesta básica em 17 capitais
Brasil – janeiro de 2020

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação anual (%)
São Paulo	517,51	2,17	54,14	109h35m	10,66
Rio de Janeiro	507,13	-1,89	53,05	107h23m	10,14
Porto Alegre	502,98	-0,66	52,62	106h30m	13,89
Vitória	492,20	-1,41	51,49	104h13m	16,03
Florianópolis	489,13	-4,41	51,17	103h34m	11,79
Brasília	483,17	1,96	50,55	102h19m	13,13
Campo Grande	458,00	1,76	47,91	96h59m	10,41
Belo Horizonte	456,35	2,57	47,74	96h38m	12,57
Goiânia	455,08	0,07	47,61	96h22m	14,28
Curitiba	452,32	-1,43	47,32	95h47m	12,62
Fortaleza	433,39	-0,06	45,34	91h46m	7,28
Belém	415,56	0,35	43,47	87h59m	8,00
Recife	395,93	0,54	41,42	83h50m	13,50
Natal	389,26	1,43	40,72	82h25m	10,64
João Pessoa	388,02	3,87	40,59	82h10m	7,51
Salvador	376,49	4,43	39,39	79h43m	6,52
Aracaju	368,69	4,75	38,57	78h04m	3,40

Fonte: DIEESE

Cesta básica x salário mínimo

Em janeiro de 2020, com o reajuste de 4,11% no salário mínimo, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica foi de 94 horas e 26 minutos. Em dezembro de 2019, quando o salário mínimo era de R\$ 998,00, a jornada necessária foi calculada em 97 horas e 42 minutos e, em janeiro do mesmo ano, em 88 horas e 05 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu, em janeiro, 46,65% da remuneração para adquirir os produtos. Em dezembro de 2019, quando o salário mínimo valia R\$ 998,00, a compra demandava 48,27% e, em janeiro do mesmo ano, 43,52%.

Comportamento dos preços¹

Entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020, foi predominante a alta no preço do óleo de soja, açúcar, banana, tomate, feijão e batata, coletada no Centro-Sul. Já o valor da carne bovina de primeira teve redução média de valor na maior parte das cidades.

O preço do óleo de soja mostrou alta em todas as cidades, com variações entre 1,17%, em Belém e 9,95%, em Campo Grande. Em 12 meses, também houve elevação do preço médio em todas as capitais, com destaque para as taxas de Belém (20,56%), Vitória (18,58%), Goiânia (18,50%), Campo Grande (16,32%) e Florianópolis (16,22%). A demanda por óleo de soja degomado para produção de biodiesel aumentou, principalmente, devido à elevação do percentual de 10% para 11% de mistura de óleo de soja no biocombustível. Com isso, o consumidor no varejo pagou mais pela lata de óleo.

O quilo do açúcar mostrou alta de preços em 14 capitais entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020 e as taxas oscilaram entre 0,81%, em Curitiba e 20,28%, em Brasília. As variações negativas foram anotadas no Rio de Janeiro (-1,10%), Florianópolis (-0,70%) e Recife (-0,45%). Em 12 meses, apenas em Belo Horizonte houve redução (-2,58%), nas demais cidades foram registradas altas, com destaque para Brasília (32,12%), Aracaju (16,75%) e São Paulo (14,41%). O uso da matéria-prima para a produção de etanol elevou o valor do açúcar no varejo, mesmo com ligeiro aumento do volume de cana colhida.

A banana registrou elevação de preços em 14 capitais, com exceção de Natal (-2,07%), Belém (-1,29%) e São Paulo (-1,04%). A pesquisa coleta os tipos prata e nanica e faz uma média ponderada dos preços. Os maiores aumentos foram registrados em Campo Grande (22,55%), João Pessoa (16,96%), Salvador (9,69%) e Porto Alegre (5,93%). Em 12 meses, o valor médio da banana aumentou em 15 cidades, com destaque para Campo Grande (28,66%), Vitória (27,73%) e Brasília (27,04%). A menor taxa negativa foi observada em Aracaju (-13,46%). É período de entressafra da banana prata e houve da elevação da demanda, com isso, o preço médio aumentou, apesar da maior oferta do tipo nanica.

O preço médio do tomate aumentou em 14 capitais, entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020, as maiores altas foram registradas em Belo Horizonte (65,94%), Aracaju (45,42%) e Rio de

¹ Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab - Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

Janeiro (44,44%). As reduções ocorreram em Porto Alegre (-10,49%), Recife (-8,10%) e Florianópolis (-3,14%). Em 12 meses, o valor médio do quilo do tomate aumentou em 10 capitais, com destaque para as taxas de Vitória (62,16%) e Natal (14,41%); e diminuiu em outras sete, sendo que a queda mais expressiva foi observada em Campo Grande (-21,13%). As chuvas reduziram a oferta e elevaram o preço do tomate, apesar da baixa qualidade do fruto ter pressionado as cotações para baixo.

O preço do feijão aumentou em 14 capitais, em janeiro de 2020. O grão do tipo cariquinha, pesquisado nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, em Belo Horizonte e em São Paulo, teve alta em quase todas as cidades, exceto Belo Horizonte (-1,10%). As taxas variaram entre 0,74%, em Goiânia, e 17,89%, em Campo Grande. Já o valor do feijão preto, pesquisado nas capitais do Sul, em Vitória e no Rio de Janeiro, subiu 0,89%, em Curitiba, 2,78%, em Porto Alegre e 4,57%, em Vitória. Houve redução do valor médio no Rio de Janeiro (-6,32%) e Florianópolis (-0,21%). Em 12 meses, houve elevação do preço do grão cariquinha em todas as capitais: as taxas variaram entre 8,86%, em Recife, e 53,78%, em Brasília. No tipo preto, quase todas as cidades mostraram aumento em 12 meses, com destaque para Vitória (8,95%). Em Porto Alegre, a diminuição foi de -2,46%. A baixa oferta do grão carioca, devido às chuvas, manteve os preços em patamares altos, apesar da fraca demanda e da baixa qualidade do grão ofertado.

O preço do quilo da batata, pesquisada no Centro-Sul, aumentou em oito cidades e diminuiu em Campo Grande (-11,15%) e Porto Alegre (-6,82%), em janeiro. As altas mais expressivas foram registradas em Belo Horizonte (35,61%) e Brasília (16,61%). Em 12 meses, quase todas as capitais mostraram elevação de valor, exceto Campo Grande (-17,79%) e Rio de Janeiro (-0,56%). As taxas positivas acumuladas variaram entre 0,96%, em Porto Alegre, e 23,75%, em São Paulo. As chuvas também influenciaram a oferta e a qualidade das batatas, e as cotações subiram porque os tubérculos de melhor qualidade foram vendidos mais caros.

O quilo da carne bovina de primeira diminuiu em 14 capitais, entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020. As quedas variaram entre -14,76%, no Rio de Janeiro, e -0,83%, em Porto Alegre. Os aumentos foram registrados em Aracaju (0,11%), Recife (2,49%) e Salvador (4,31%). Em 12 meses, o preço médio da carne aumentou em todas as cidades, com destaque para as taxas de Belém (33,77%), Goiânia (29,94%), Recife (29,61%) e Brasília (26,82%). O menor ritmo de compras por parte dos frigoríficos, pela diminuição da demanda interna, reduziu o valor comercializado da carne no varejo na maior parte das cidades.

CURITIBA

Em janeiro de 2020, em Curitiba, a cesta de alimentos básicos caiu -1,43% em comparação com dezembro do ano anterior e custou R\$ 452,32, sendo o décimo maior preço entre as 17 pesquisadas pelo DIEESE. Em 12 meses, a variação foi de 12,62%.

Entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020, dos 13 produtos pesquisados, onze registraram alta: batata (6,18%), farinha de trigo (5,93%), óleo de soja (3,97%), leite integral (2,57%), banana (2,22%), café em pó (1,61%), feijão preto (0,89%), açúcar refinado (0,81%), pão francês (0,77%), tomate (0,54%) e manteiga (0,40%). Por outro lado, dois itens apresentaram queda: carne bovina de primeira (-5,25%) e arroz (-0,39%).

Em 12 meses, 11 produtos acumularam alta: banana (26,63%), carne bovina de primeira (24,79%), açúcar refinado (13,24%), óleo de soja (12,66%), manteiga (9,21%), farinha de trigo (9,16%), feijão preto (6,90%), leite integral (4,09%), pão francês (3,97%), arroz (3,25%) e batata (2,82%). Somente o tomate (-12,68%) e o café em pó (-1,08%) acumularam taxas negativas.

O trabalhador curitibano cuja remuneração equivale ao salário mínimo necessitou cumprir jornada de trabalho, em janeiro de 2020, de 95 horas e 47 minutos para comprar a cesta. Em dezembro de 2019, o tempo necessário foi de 101 horas e 10 minutos e, em janeiro do mesmo ano, de 88 horas e 32 minutos.

Em janeiro de 2020, o custo da cesta em Curitiba comprometeu 47,32% do salário mínimo líquido (após os descontos previdenciários). Em dezembro de 2019, o percentual foi de 49,98% e, em janeiro do mesmo ano, 43,74%.